

Heron Prado

Agora ou nunca//Polígrafo de momentos

Brasília, UnB, 2016

Trabalho de conclusão de curso

Artes Plásticas, Bacharelado - Departamento de Artes Visuais
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Período: 1/2016

Matrícula: 10/0104550

Orientador: Prof. Elder Rocha

Agora ou nunca//Polígrafo de momentos

Heron Prado

Introdução

Nestes textos pretendo aproximar o processo de produção dos conteúdos textuais e visuais que compõe este trabalho, afim de ser mais coerente com o que acredito sobre a construção de um ensaio escrito a respeito de produções visuais. Não pretendo desvalorizar o texto analítico e descritivo de uma obra, mas para ressaltar a proposição de um método que direciona o texto para um lugar mais íntimo, decidi optar pelo formato que aqui apresento considerando que neste caso a pessoa que escreve é a mesma que desenha.

Para construir essa aproximação levei em consideração alguns aspectos do método através do qual executei as monotipias apresentadas em conjunto com este texto, que consistia de duas regras pontuais, eram elas:

- Os desenhos devem ser construídos em sua execução, sem estudos prévios.
- Monotipia retirada da tinta é monotipia pronta

Em conjunto com essas regras e as particularidades que elas geram, existiam também os aspectos que são da própria técnica que decidi tentar incluir nesse método de escrita que tem como proposta essa aproximação de linguagens. Estes aspectos são a imprevisibilidade e a irreversibilidade presentes na monotipia, imprevisível porque até olhar o outro lado da folha possuía apenas uma suposição do que seria o resultado e irreversível porque o mínimo toque sobre a folha já se imprime uma mancha.

Durante o processo de elaboração desse método, esbarrei com um software na internet que viria a ser minha ferramenta: “The Most Dangerous Writing App” (O Aplicativo de Escrita Mais Perigoso), uma ferramenta construída pelo americano Manuel Ebert. A proposição primária do aplicativo é simples: Não pare de escrever. Se você parar de escrever durante cinco segundos, o aplicativo deleta todo o seu texto. Para que isso funcionasse Ebert programou também um cronometro, dando a opção de escolher entre textos de cinco, dez, vinte minutos e para os mais corajosos até uma hora de escrita ininterrupta. Inicialmente utilizei um papel para ocultar a tela e impedir que eu visualizasse o texto, mas poucas sessões depois descobri que o próprio aplicativo possuía uma função para isso (ocultar o texto) chamada de Hardcore Mode.

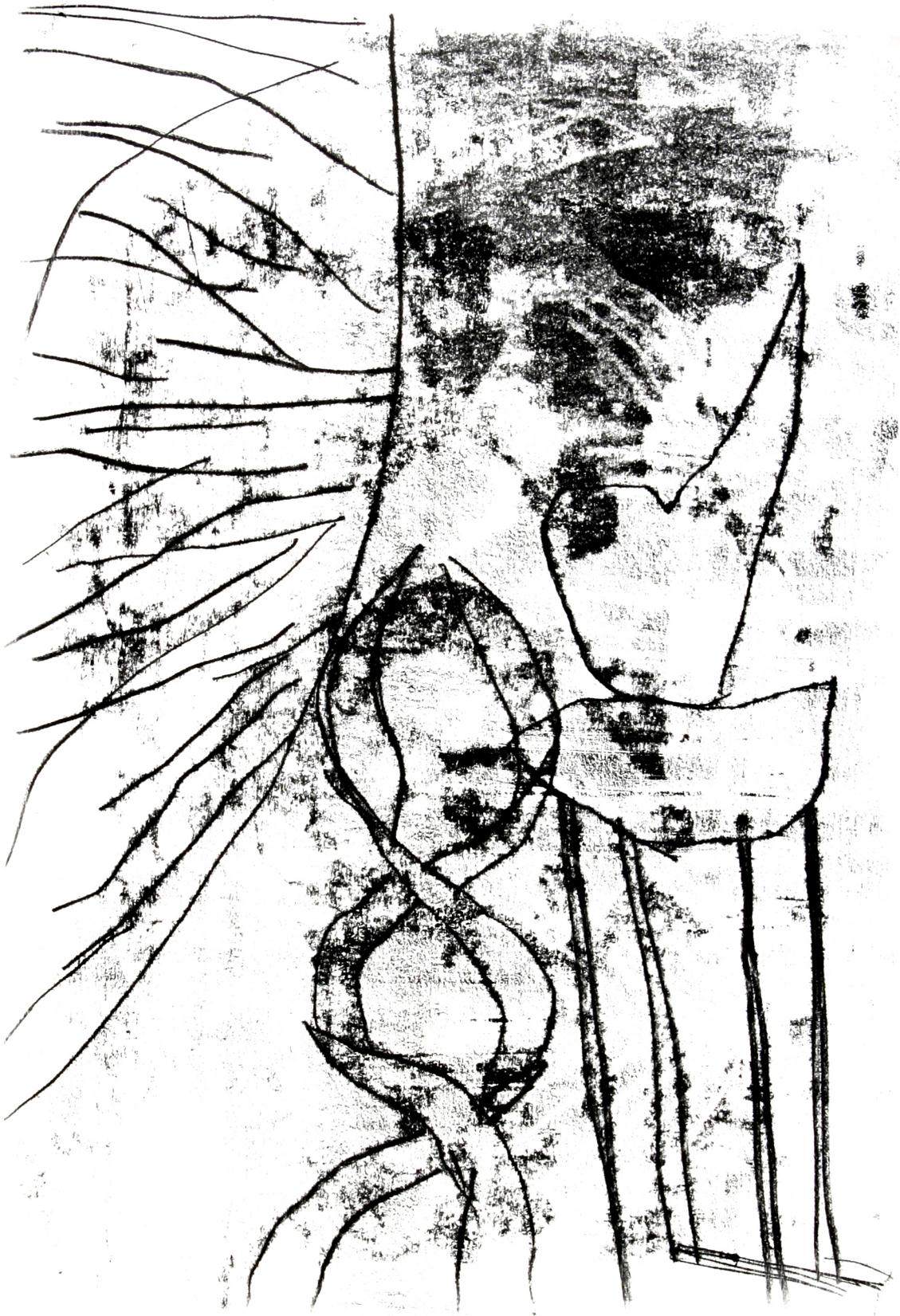
Os textos foram então produzidos a partir deste site que ditava:

- Não parar de escrever por 5 segundos
- Não visualizar o texto durante seu processo de produção

A partir dessa regras ditadas pelo aplicativo e esta ultima estipulada por mim, escrevi uma série de textos em sessões que foram majoritariamente de dez minutos, com algumas sessões de vinte minutos. Selecionei os textos que abordavam a minha produção e meu pensamentos acerca dela e de assuntos que percebo como coerentes às reflexões que acabo por encontrar durante o processo do desenho.

Os textos apresentados a seguir são fruto deste experimento, dessa tentativa de transcrever um momento, que é como entendo meu processo com as monotipias. Se configuram de maneira volátil, fluida e pessoal. São tentativas de mostrar um fluxo de pensamento, na esperança de que os lendo perceba-se uma estrutura interna que norteia a produção, tanto desenhada quanto escrita.





Série polígrafo de momentos, "DNA é uma entidade consciente",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Um desenho que se faz com letras, um desenho que se faz com notas, um desenho feito de fatos, o que é um desenho se não uma história? Fiz um desenho de mentiras, contadas em método acadêmico para que você acreditasse na minha suposta "pesquisa", mas a pesquisa é montar mais histórias. A vontade é de te enganar outra vez, não pra te desiludir, mas pra que você ao entrar na ilusão que eu proponho, a aplique à ilusão que você criou e já vive. Não sei se existe um estado de completa desilusão (que alguns chamariam de verdade). Não sei se esse espaço é real, então acredito na mentira. Na mentira de que a terra é "redonda", na mentira de que o sol também é (um pouco mais de perto deve parecer-se com qualquer outra forma geométrica), na mentira de que existem 2 coisas, na mentira do horizonte.

É difícil pensar que todas essas histórias são sempre recontadas, mas mesmo assim sigo contando qualquer história que eu tenha pra contar. Hoje acordei com vontade de mentir de novo, de criar a ficção da minha vida de um jeito diferente. Eu me crio pra você, e você me vigia. O outro tem parâmetros mais rígidos a respeito de mim, e preciso de validação de outros "outro" para que a minha ficção de mim mesmo tenha embasamento. Nem tudo que eu te conto é aceito imediatamente, é preciso de lábia, é preciso de método. O método da mentira, o método da história. Para que a história te seduza, te prenda, e quem sabe te faça revisitar sua própria história sob aquela nova perspectiva sugerida.

Tento entender tudo o que se passa, tento, interiormente, criar uma continuidade para as coisas que continuaram acontecendo até chegarmos aqui. "Aqui" não como referência temporal que nos trás ao momento presente, mas "aqui" nessa palavra que você está lendo, neste pedaço do texto. Este texto é um desenho, é uma mentira, é uma sequência de escolhas que tomei a partir das escolhas que lembro ter tomado anteriormente. Tudo isso montado com apenas um intuito: enganar. Seu olho, sua cabeça, sua pele. Mas não me leve a mal, como eu disse: meus meios não são direcionados aos fins, mas a eles próprios. Meios que pretendem te fazer observar os meios que você usa pra chegar nos seus fins. "Maquiavel é o car#\$%"" já dizia qualquer um que percebeu: o processo é infinito. Não existe um ponto no qual se chegue que não seja também uma parte da linha até o próximo ponto que se marca.



Série polígrafo de momentos, "Salto sobre as montanhas",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal



Mas, de onde surgiram essas imagens? De onde surgiram essas formas que dançam quando fecho os olhos e tento ver? Vi muita coisa, não foi? Tenho essa impressão, essa sensação que me diz pra não continuar em alguns questionamentos. Existe alguma coisa que prevê o futuro da reflexão, alguma coisa que me aponta, no começo de uma ideia, que ela vai terminar em si mesma. Evito essas ideias porque me sinto preso, me sinto num círculo que não vai me permitir descer ou subir, me agrada mais a forma da espiral, que circularmente desce-sobe no espaço.

Você já olhou pra uma espiral feita de um material reflexivo? Você já viu seu reflexo andar pela espiral e desaparecer no final? Parece uma piada sobre o tempo, uma metáfora cruel sobre o fim do nosso eu de segundos atrás para o nascimento do nosso eu atual. Como numa fita de möebius, percorre-se em duas dimensões espaços tridimensionais. A ilusão do tempo que se direciona, que não volta.

Essa semana fiz mais monotipias, as ultimas dessa resma de papel que gastei. Ontem as coloquei todas espalhadas na parede, convivendo. É engraçado como algumas delas se parecem, como apesar da óbvia e nítida diferença nas linhas, figuras, no clima, como apesar dessas discrepâncias ainda parecem correspondentes, irmãs. Sou meu corpo? Sou algo que o controla? O eu não existe porque não podemos localizar? É necessário localizar uma coisa para que ela exista?

Ainda estou aqui, de novo e de novo. Ainda é hoje. Em partes, é amanhã (ou foi, ontem). Sou acordar todo dia no mesmo lugar que adormeci? Talvez.



Série polígrafo de momentos, "O medo faz parte do equilíbrio",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Me sobe um medo na espinha ao pensar que estou me destrinchando para você. Pensar que você não vai ter participação nesse processo, pensar que eu estou tentando te entregar tudo da maneira mais mastigada possível, quase digerida. Não quero te entregar algo que vá descer pela tua garganta como a comida que a mãe pássaro entrega aos seus filhotes. Não sou sua boca, sou outra pessoa, e o que tenho para você não é nada fácil de mastigar, mas se dilacerado com atenção, nada difícil de digerir.

O que eu quero dizer não pode ser dito apenas em palavras, por isso, as imagens. Porém o que consigo dizer em palavras é exatamente o máximo que elas permitem dentro do que eu "tenho" pra dizer. Por mais estranho e confuso que tudo isso possa te parecer, é o que há em mim além dos desenhos, além das histórias. Os desenhos te dizem coisas completamente diferentes do que você lê, a leitura te interfere na visão da imagem e o desenho impede que você leia tudo como apenas um trabalho escrito.

Meu método nem chega a ser realmente relevante, o método é só uma ferramenta que uso para tentar aproximar o resultado da produção com o sentimento que, mesmo não sabendo explicar, sinto que está presente durante a produção. Essa sensação de descoberta, de desbravamento, da "criação" de algo que parecia já estar lá assim que é colocada em posição, de uma coisa que se revela diante dos meus olhos através da minha mão. É uma visão turva, ao longe, que se aproxima e se define a partir das minhas decisões a respeito dela. Uma visão turva de algo indefinido, algo como uma forma geométrica que, ao ser observada de ângulos diferentes, deixa de ser o que poderia ser para ser apenas o que pôde ser.





Série polígrafo de momentos, "Homo homini lupus",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Me sinto incapaz, me sinto incapaz de realizar coisas muito simples, também algumas coisas complexas. Me sinto incapaz de produzir algo que seja mais do que um reflexo da cópia de um pedaço de mim, me sinto incapaz de escrever esse texto, mesmo sendo apenas uma transcrição do meu fluxo de pensamento. Porque? Essa não é a pergunta que me interessa de verdade. Me interessa saber como posso transformar esse sentimento em algo diferente, como posso reagir a essas ideias de uma nova forma que gere outros resultados?

Dá pra utilizar um sentimento? Como uma ferramenta? E se der, como lidar com um kit de ferramentas que muda constantemente durante sua vida? Mesmo que eu aprenda a reagir à um sentimento de impotência com uma ação direta no campo físico, talvez esse sentimento não apareça de novo e a ação se perca. Por dentro as coisas mudam sem deixar rastros tão óbvios quanto os rastros deixados por coisas que se movem no plano físico da experiência.

Não há como controlar o fluxo de pensamento, não há como impedir que uma ideia aterrorizante te envolva no meio da tarde. Talvez exista uma forma de impedir que ela te envolva, mas não há como impedi-la de aparecer, de se sugerir. Dependendo da ideia, do sentimento, da sensação, pode também ser difícil esquecer a sugestão. Eu me visto, me levanto, me ponho à trabalhar o máximo que meus braços com tendinite aguentam, ainda assim, a sugestão da impotência ficou, a sugestão de que isso pode ser tudo uma grande perda de tempo que vai me levar somente pra um lugar: a vala.

O caminho é um só? discordo, os caminhos são vários, um só é o destino. Todos os caminhos levam inevitavelmente à ela: dona morte. Todos os caminhos, sejam eles trajetórias de vida, trajetórias de produção, trajetórias de desconstrução. Todos levam à morte de algo, se não à morte “final”. O peregrino caminha com fé, mantém seus difíceis passos com a esperança de morrer, com a esperança de que, ao encontrar sua tão adorada relíquia, algo nele deixe de ser para poder ser de outra forma



Série polígrafo de momentos, “A andorinha rasga o céu”,
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal



Eu sou um resultado? uma experiência? Uma consequência de uma sucessão de evento que aconteceram apenas porque era uma possibilidade que acontecessem? Me parece muito assim, às vezes, a vida. Me surpreende esse aspecto absurdo de estar aqui, escrevendo isso, como diria Steve Roggenbuck "Isso é basicamente impossível.", a vida é basicamente impossível, improvável. Cruel, mas infelizmente faz sentido entender esse acontecimento (vida) como apenas uma das infinitas possibilidades de coisas que poderiam existir. Ainda mais cruel pensar que essa possibilidade só existe por ser uma dessa lista infinita de opções.

Todas as opções de forma, de convergência, todas as opções de interpretação dos estímulos sensíveis, todos os estímulos sensíveis possíveis. Minha cabeça só responde à algo porque sinto. Meu corpo é como um captador, um aparelho de absorção de estímulos vindos do mundo exterior, através dele minha mente reage a esses estímulos, a emoções geradas por esses estímulos, à sentimentos gerados por essas emoções. Antônio Damasio disse em seu livro "E o cérebro criou o homem" que o sentimento é um fruto da emoção, que o sentimento são os pensamentos que nos ocorrem após e enquanto uma emoção está em curso. Levando em conta essa possibilidade, novos sentimentos são então gerados quando analisamos, quando pensamos sobre estes sentimentos "primeiros"?

Se sentimentos são pensamentos acerca de emoções, e emoções são respostas a estímulos físicos, não seria todo pensamento um sentimento? Existe interação com o ambiente sem emoção? Apatia é uma emoção? Parece que sim. Quando vejo a luz, a sinto em meus olhos, minha pele, me emociono. A partir disso crio um sentimento, e a partir dele mais mil.



Série polígrafo de momentos, "Passa ou repassa",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Uma letra, uma linha, no começo. Conforme as coisas vão surgindo, tomam forma, assim como num desenho. A escrita cega, assim como a monotipia contém esse aspecto de problemas que eu não posso resolver, não sei nem quais são, é difícil? Não, não é a dificuldade que reluz no meio dessa abordagem incomum e desconfortável, é a imprevisibilidade, a irreversibilidade, acredito estar num caminho, porém o próprio caminho se desfaz enquanto escrevo, enquanto produzo. A memória não é um campo tão seguro, percebo o quanto dela falha ou deixa de agir completamente, olhando para o nada, o que me resta é escrever sobre tudo, tudo o que eu tenho guardado, já que guardamos. Somos como um boneco de vento do posto de gasolina: As coisas passam por nós, nos deformam e vão embora, não é triste, mas acabamos guardando as coisas em formato de memória.

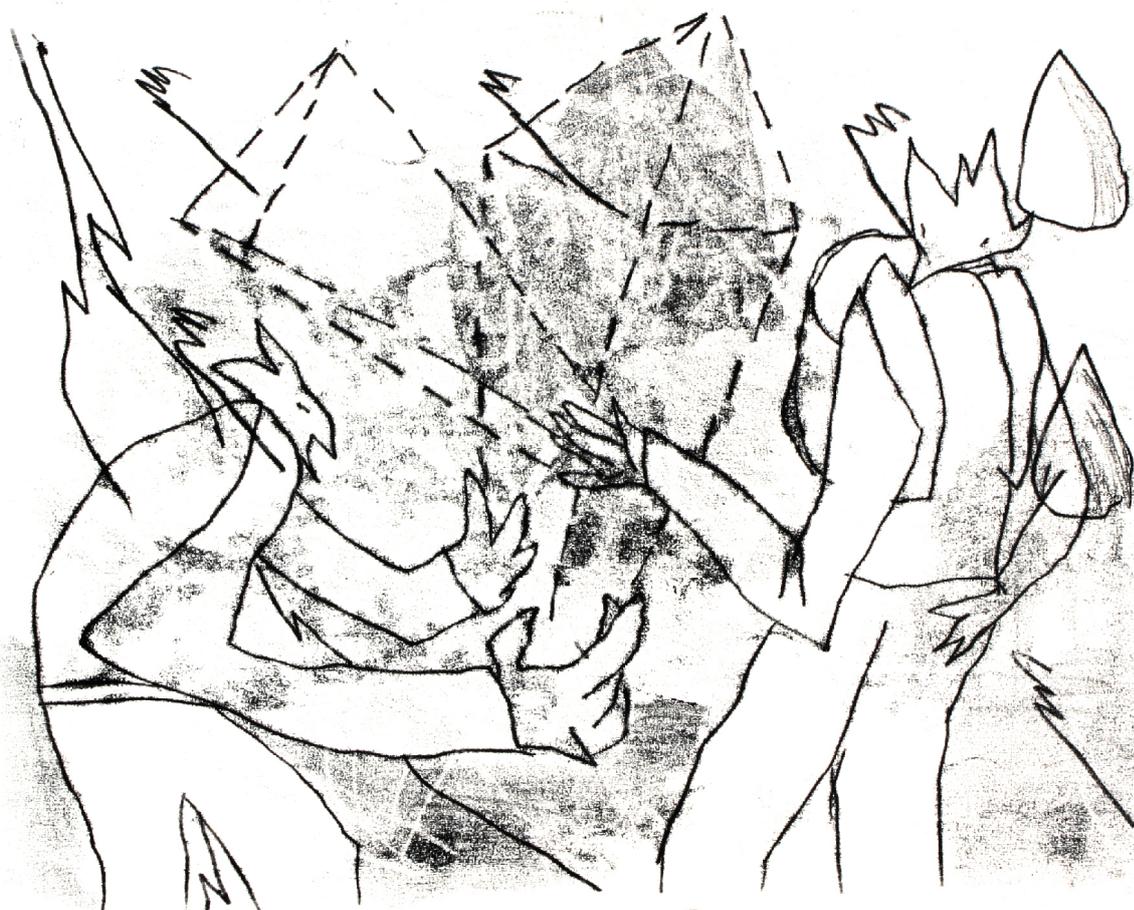
A coisas que passaram e foram, as coisas que vão, voltam, nunca com a mesma identidade, nunca com o mesmo intuito, mas de alguma forma, voltam... O retorno, o Samsara, a roda da fortuna, filosofias e crenças das mais diversas já me deixaram claramente sem opção, sem motivo. Não entendo como posso prosseguir sem saber onde estive, não entendo como posso acreditar que estou de algum jeito formando, já que não vejo a forma. É engraçado o quanto parece necessário pra nós a visão constante do que se faz, isso não apenas no campo da produção visual como qualquer outra, talvez a música escape dessa, mas também não por completo, ainda é necessária a visualização total da peça através da partitura. Presos a precisar ver, o mundo escuro parece misterioso demais para que se possa construir qualquer coisa.

A construção ruí sempre, sempre. Independente da sua observação

Não espero que seja possível que você me entenda, não espero que seja possível que você realmente me entenda, não desse jeito que esperamos entender as coisas (ou que nos enganamos ao pensar que entendemos). Você não vai saber exatamente o que eu quis dizer, você não vai adivinhar o que se passou dentro da minha cabeça além dessa pequena parte que eu consigo "transcrever" com muita vontade. Não é preciso que você "entenda" dessa forma, não é preciso que você tenha a segurança de que está seguindo uma linha de pensamento que vai te levar de um lugar ao outro. É preciso caminhar para mudar de lugar, não quero (nem pretendo) te proporcionar um tobogã no qual você senta, se diverte e vai parar numa piscina conclusiva. Não, eu gostaria que você viesse comigo, que caminhasse comigo até lá, e que, ao chegarmos, você me contasse das coisas você viu no caminho que eu esqueci de te apontar.

É como um passeio até a cachoeira, durante essa trilha eu te aponto uma árvore, um pássaro, uma flor. Nesse mesmo caminho você viu um buraco na areia, uma nuvem e ouviu um barulho de água. Não existe espaço num texto para que você os mostre pra mim, mas existe espaço na sua consciência. Para que você os observe, e isso é o suficiente em matéria de entendimento para mim. Não existe possibilidade de nos conectarmos de maneira íntegra, mas a companhia já é prazerosa, mesmo que para mim, quando escrevo, ela seja uma projeção futura de um leitor que ainda inexistente.

Porque fazer se o expectador não está por aqui? Porque pode estar? Não... Sou meu próprio expectador enquanto escrevo, caminho pela floresta das ideias úmidas e pelo deserto dos pensamentos secos com a companhia do meu fantasma, minha sombra, que me observa e que, quando descrita, pode ser substituída por você. Você leitor toma o lugar da minha sombra quando adentra na caminhada para a qual te convido. Na companhia da minha projeção do outro, que é também uma forma de tentar me enxergar como outro. Ao mesmo tempo que considero o "observador" como uma sombra, sei que também sou a sombra dele.



Série polígrafo de momentos, "Compreensão",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Pressão, equilíbrio, vento, maré. Pássaros voam parados no ar, contra o vento que vem do mar, parados como pipa sendo empinada por alguém. Estes pássaros sempre me deram a impressão de que ali o mundo acabava pra eles, batendo as asas desesperadamente na tentativa de ir pra frente, batendo as asas no sentido contrário de um vento que proporcionalmente pra mim seria amedrontador. Seus ângulos retos, como se pretendessem seguir nessa linha até o outro lado do oceano que, apesar de estar logo à sua frente, se mostra inalcançável.

O barulho repetitivo do grilo que canta na grama do meu quintal, esse barulho ritmado e constante, barulho que eu, sinceramente, nem sei como o grilo produz. Esse ruído sempre me deu a impressão de que o grilo está contando o tempo da noite, vagarosa e pacientemente o grilo segue sua contagem: 1, 2, 3, 4, cri, 6... Persistente em saber quantos cris dura uma noite, as formigas e gafanhotos acham curioso, mas não zombam dele. O grilo parado, se agarrando a uma folha tão leve, um talo de planta, um broto de flor, balança, como as cenas no bambuzal do clássico “O Tigre e o Dragão”, como no clássico mato sendo movido pelo vento.

O vidro, o calor, a presença translúcida e alaranjada do vidro sendo derretido. O giro necessário para que o vidro não pingue pelo chão da oficina, o calor que é emitido da própria superfície do vidro. As folhas de papel que esqueci em cima da mesa pegam fogo ao tocarem nele, a própria mesa sucumbiria sem as camadas de borracha que foram empilhadas sobre seu tampo. Maleável, mas que se enrijece em tão pouco tempo que submeter o vidro ao calor intenso novamente fica tão sacal quanto ir ao banheiro de cinco em cinco minutos devido ao medicamento ingerido para inflamações.

A visão da estrada passando rapidamente enquanto o automóvel corta o país. O movimento circular que é formado ao redor do objeto que se olha, enquanto se afasta lentamente (ao longe). A capacidade de acompanhar certo objeto conforme ele vai, da direita para esquerda (ou vice-versa), a capacidade de não acompanhar nenhum recorte da paisagem e ver tudo se transformar em um imenso borrão de cores separadas por linhas horizontais. Deve ser como cair.

As plantas no meu caminho matinal, essas que tão vagarosas, se modificam, se transformam. Num ritmo tão desacelerado que não percebo. A ilusão da estaticidade das coisas que se movem em velocidade menor. A ilusão da estaticidade e ponto. As coisas se movem, todas, e aqui estou me movendo. Como na cruz, movo minha linha horizontal através do plano físico e movo minha linha vertical pelo pensamento, com a interpretação, através da abstração.





Série polígrafo de momentos, "Hidra",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Espelho, espelho meu.

A imagem invertida, a expectativa que era montada pela lembrança sendo destroçada por uma simples inversão. Toma-lá dá-cá de linhas, o peso que aparece. Em vários trabalhos foi revelado um peso, uma tensão na composição que não parecia existir na imagem "original", na imagem que eu "vi" se formar através dos movimentos que executei. Essa inversão não confunde, esclarece, não obnubila, deixa nítido.

O espelho inverte nossa imagem, vivemos tendo como nossa uma imagem que é de outro, uma imagem que não existe no mundo. Nos enganamos a respeito da nossa própria forma, ludibriados por um objeto que inverte. Estamos assim, do outro lado, porém não nos imaginamos assim, estamos virados mas nos pensamos em giro.

“Homo homni lupus”

Um ser humano é, sem dúvida, predador de outro ser humano em dada situação. Talvez seja o tempo todo, a própria caça e o caçador.

Sou meu próprio lobo? Predador de mim mesmo? Não é dúvida que me procuro, que me persigo, que corro atrás dos rastros que acredito serem meus conforme vagueio pelos pensamentos.

Ao me encontrar, ou pensar que me encontrei, me executo? Parece que sim, apesar dessa dúbia percepção. Parece que estou sempre num movimento que estica uma linha para os dois lados, que puxa nas duas direções. O que é autofagia? Desses rastros tiro uma substância, uma substância viscosa que funciona como grude, que me segura em mim mesmo e não me deixa, ao adormecer, partir deste ponto de vista ao próximo. Me caço, mas não para me destruir, não para me obliterar. Me persigo, para observar-me de longe (no desenho) e me segurar em mim.





Série polígrafo de momentos, "O Monge",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Os dois lados da moeda são partes da mesma circunferência, os dois lados da moeda foram gravados na mesma matéria. Só se vê um lado quando a moeda está deitada, e a moeda não costuma permanecer de pé. Os lados da moeda são extremos, são dicotomia. Posso girar a moeda eternamente? Posiciona-la de pé e, com a força de uma nuvem, aplicar um "peteleco" que equilibre a moeda eternamente?

O diálogo dentro de mim não cessa, nunca cessa. Os argumento e conceitos se chocam como ondas, contra as pedras, contra si mesmas. Por vezes sinto ter uma reunião de cúpula acontecendo em mim, dezessete pequenas frações que se degladiam em torno de uma questão processual, ética, existencial. Ainda assim, os dezessete parecem sempre estar divididos em apenas dois times, os dois lado da moeda.

Dizem que você descobre sua vontade quando resolve jogar cara-ou-coroa para decidir-se. Quando o resultado finalmente se mostra, intransponível, imutável, percebemos que ou simpatizamos com ele, ou o detestamos.

Existe afinidade declarada por um dos lados da moeda, existe vontade de vê-lo para cima, visível, claro, constatado. Este preferencialismo lateral não parte de uma escolha cega, mas da própria discussão que surge em jogar a moeda, pela discussão interna que surge no momento em que a moeda ainda está no ar, no momento em que a decisão será inevitavelmente apontada, porém nem sempre agradará. É uma vontade, uma torcida, um grito que escapa pela boca quando o outro lado prevalece: "Bosta!".

Existem as ações que quero concretizar, as ações que concretizo e as que gostaria de ter concretizado. Existe a cara que queria ser coroa, a coroa que se odeia por sentir que seu tempo já passou, e a tensão da moeda no ar.

Giro é coisa de círculo, de esfera.

Esfera é coisa de pi, coisa de planeta, coisa de dragão.



Acabei de perder dois textos, não eram muito grandes, mas eu estava gostando de escrever.

Esse descontrole ao qual me sujeitei, ao qual me propus por vezes é demasiado intenso e ao mesmo tempo fugaz. Cada vez demoro mais para escrever, tentando "limpar" meus pensamentos antes de vomitá-los aqui, como faço de alguma maneira ao desenhar. Essa tentativa me faz esticar não só o tempo como todo o corpo diversas vezes, espreguiçando, vou tentando não analisar qualquer microcoisa incansavelmente.

Ontem foi um daqueles dias, nos quais tudo parece uma outra coisa, a mesma coisa, mas de um outro jeito. Tudo continua funcionando, não é? Eu continuo respirando, o tempo continua passando, a grama cresce. Tenho muitas vezes um medo que me faz rir: Tenho medo de que meu cérebro se esqueça do que fazer com a luz, como se, apesar de ter um aparelho ótico totalmente funcional, minha cabeça simplesmente se esqueça de como interpretar a luz, de como vê-la.

Me sinto tolo, mas esse perigo parece iminente e fico esperando as coisas sumirem, como quando se olha para uma janela e se espera tanto que alguém apareça, que pela força da expectativa, sua espinha gela de medo.

Uma linha de texto não é como um traço, aqui o traço se dá de outra forma. Não sei para onde sigo de acordo com o traço anterior, mas sim em consequência dele. É como se eu desenhasse uma linha que, ao ser traçada, some. A próxima nada pode ser se não a continuação dela, não como extensão mas como um próximo movimento. Me lembro das aulas de animação, mais um pedaço de forma pra emendar aqui.

Repito comigo mesmo:

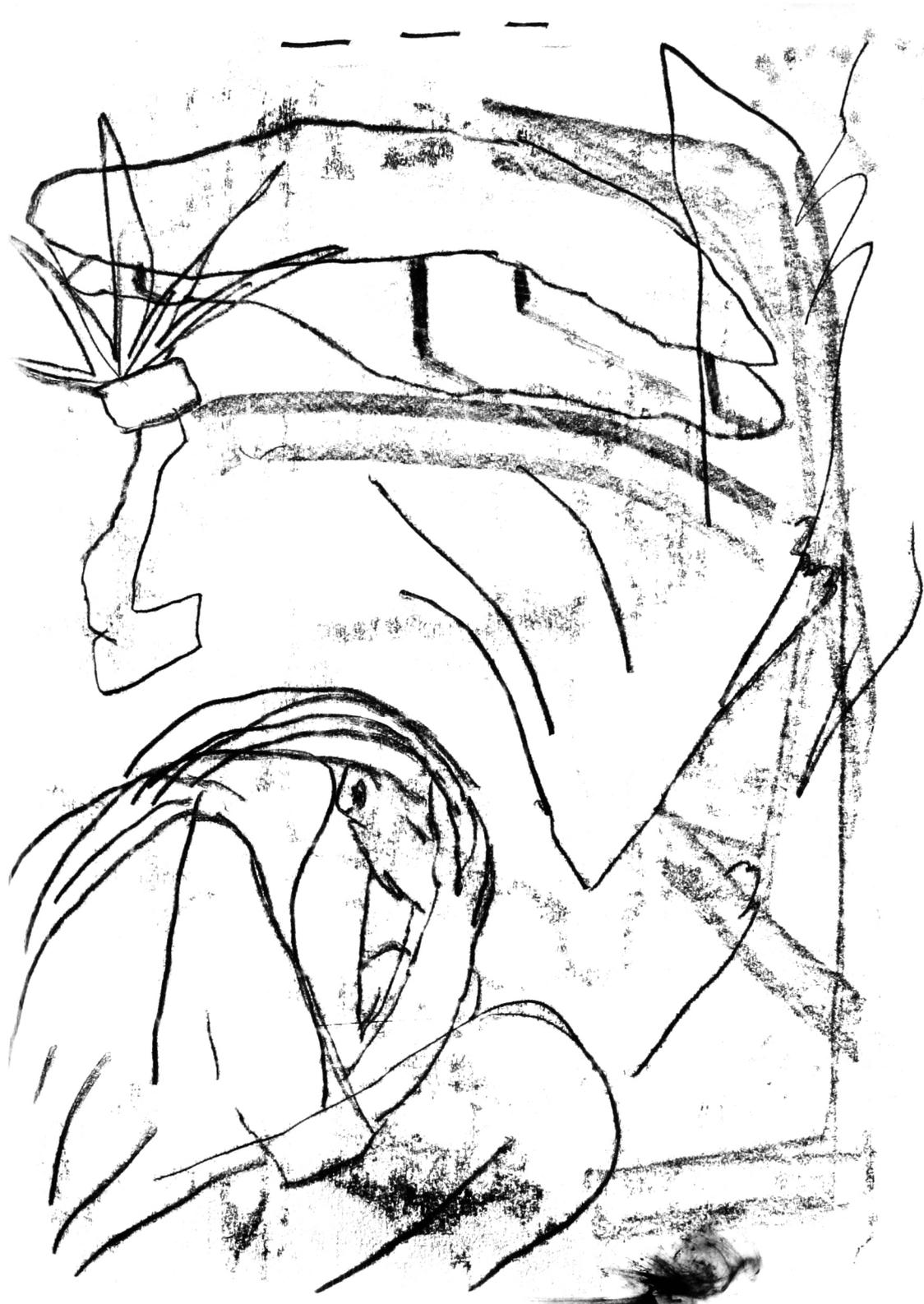
O resultado não é importante.

O processo é o que dita o REAL resultado.

O resultado são as questões que surgem nesse processo, as coisas que mudam o norte conforme você produz.

Não acredito em mim mesmo.

Uma vez ouvi falar de uma tal "síndrome do impostor".

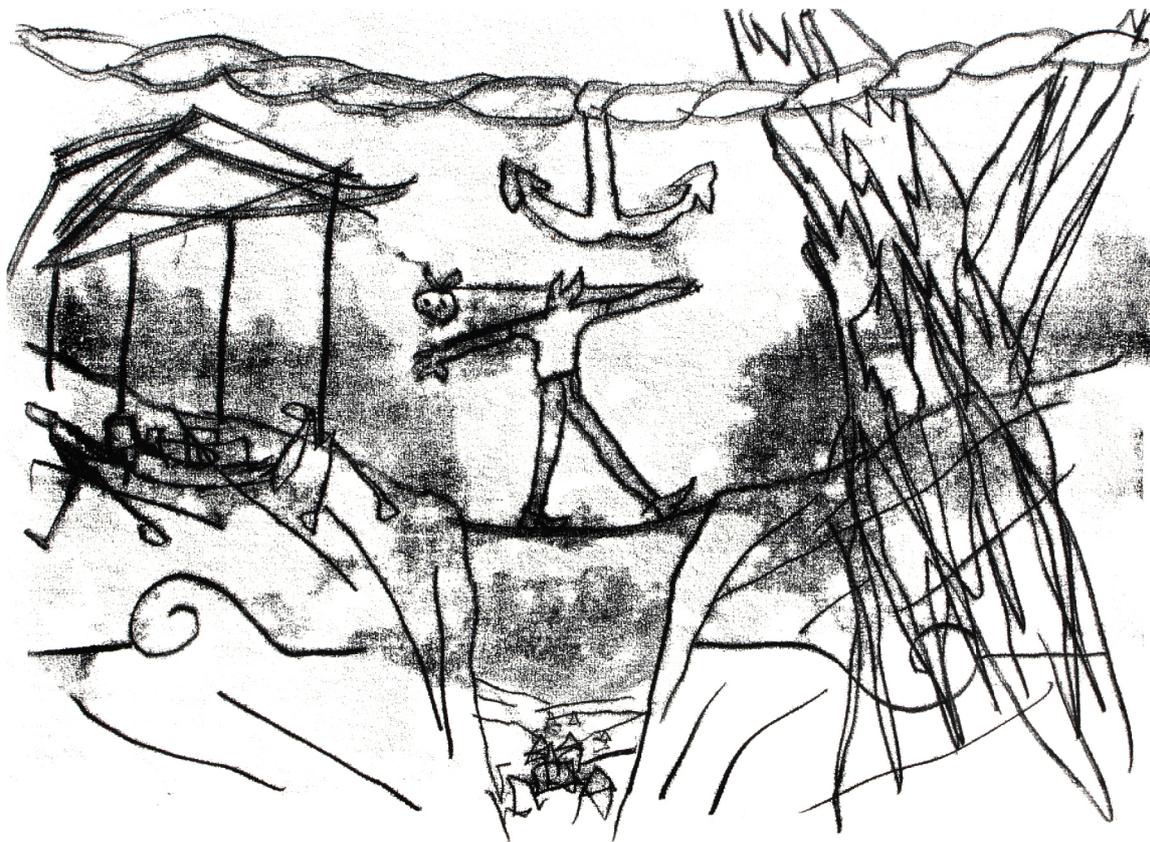


Série polígrafo de momentos, "Forca 50/50",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

Ontém vi na internet um tweet de alguém que dizia: "Ok, poetas, nós entendemos: as coisas se parecem com outras coisas." Isso me causou reboliço, não em defesa ferrenha da poesia mas em contrariedade à ideia de que há maneira de se acostumar com essa bizarra correspondência das coisas. As coisas são como as outras, e não há nada que me intrigue e confunda mais, como pode se dizer isso com um tom de obviedade? Com um tom de cansaço?

As partes da vida que dividimos com palavras, com conceitos, com aglomerados de significados que interagem entre si como uma complexa máquina. Esses pedaços, de uma forma estranha e até medonha correspondem aos outros. Por mais variadas, diferentes, únicas, por mais incomum que uma coisa seja, ainda assim quando comparada a qualquer outra haverá uma rede de relações que as aproximará. Pode estar na relação da coisa consigo mesma, ou numa relação da coisa com o mundo, talvez essa aproximação se de até por um aspecto que não envolve as relações que essas coisas estabelecem no mundo (consigo e com ele).

A maioria de nós, humanos, possuímos um corpo similar, todos nós não estaríamos funcionando se não carregássemos dentro de nós um coração, um cérebro, terminações nervosas que se comunicam. Num grau de aproximação estão os outros seres vivos que gradualmente se distanciam de nós, por serem invertebrados, por serem unicelulares, etc. Porém, para além da estrutura biológica, as coisas todas possuem um dentro e fora, certo? Sempre divididos do mundo por uma camada fina chamada superfície. Mas, a pedra realmente se separa do chão? A árvore? Me parece por vezes que essa suposta "divisão" é fruto exclusivo da percepção humana, e o mais conhecido fato do mundo é: nunca saberemos. Presos dentro dessa experiência limitada, nos resta tatear nossas paredes o máximo que pudermos. Como um presente secreto, que numa situação inversa chacoalha o mundo pra tentar descobrir o que tem lá fora. Uma incógnita sabe seu valor, mas não sabe o que é um sinal de adição.



Série polígrafo de momentos, "A divisão",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

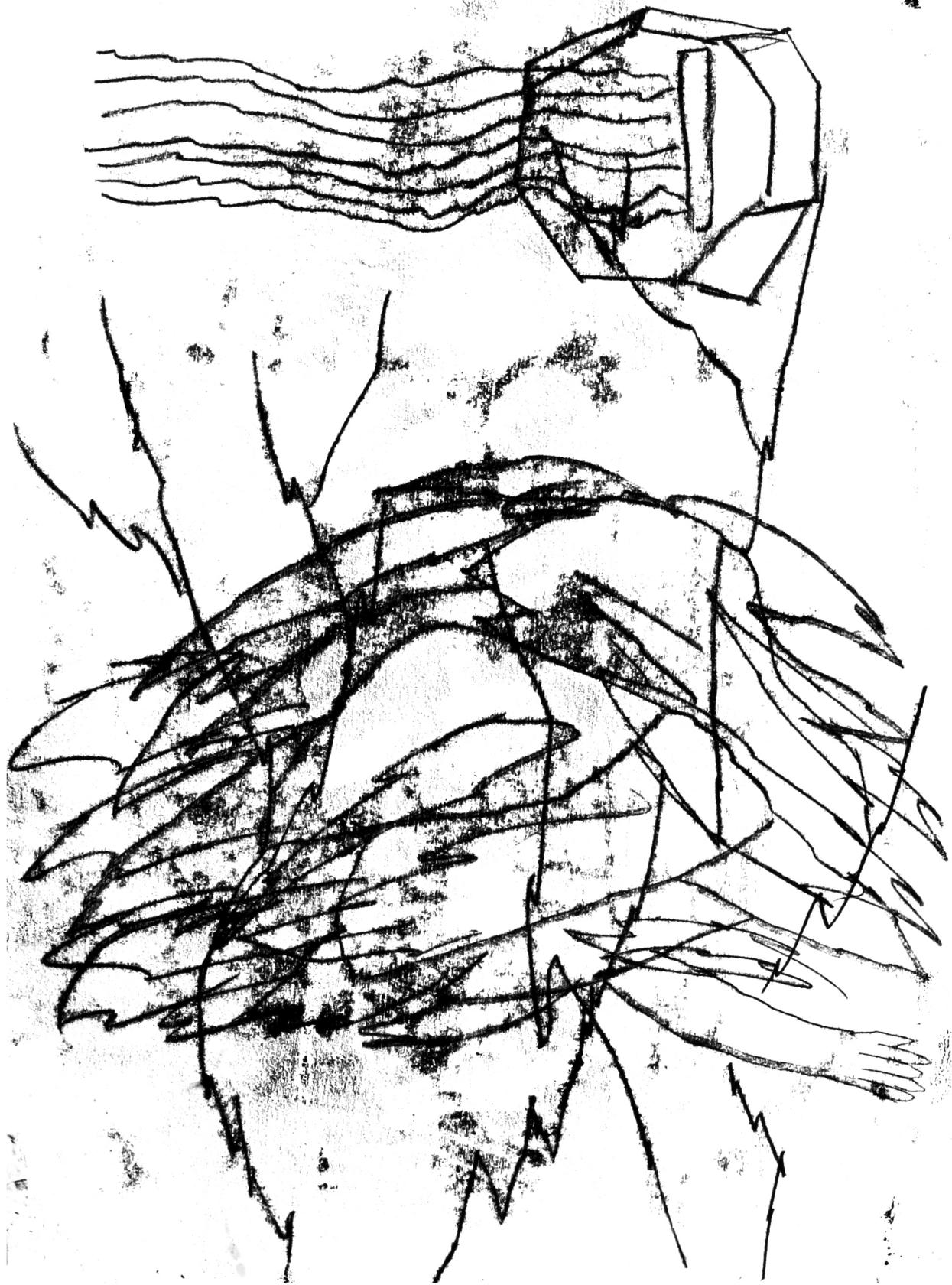


Hoje pareço ter visto tudo pela primeira vez, sem pré, sem saltos na direção da definição. Vejo a árvore, mas a vejo como nunca vi. Apesar da familiaridade, me parece outra árvore, outro "tipo" de árvore. E assim como a árvore segue tudo. Quase me deixo levar por não me conhecer, pelo afobamento da repetição. Algumas prisões são feitas inteiramente dos outros, cárceres de bom convívio. outras são feitas de estruturas tão rígidas que não conseguimos analisar, estruturas que fazem parte do processo analítico em si. "Os óculos que usamos nos ajudam a ver o mundo, mas não nos ajudam a ver os óculos", não sei quem ela citava, mas quem me disse isso foi a profª Vera Pugliese, que por vezes reaparece em minha memória quando reflito sobre o mundo.

Recebemos tantas dicas durante a vida, tanta informação valiosa se perde na nossa memória falha, por isso sempre tentei lembrar do máximo de frases, ditados, dizeres que eu conseguisse. Parecia mesmo que em algum momento essa coleção me seria útil.

O pensamento vagueia em si mesmo, perpétua e indirecionalmente. O pensamento recupera memórias para se reavaliar, para se ver de outra perspectiva, o nosso maior sonho. Já imaginei que o maior sonho dos artistas é poder trocar de corpo, poder ver o mundo através dos olhos do outro, ou dos olhos de ninguém. A tentativa eterna e frustrante de conseguir colocar seus olhos no mundo, de criar um binóculo feito da sua interpretação do mundo pelo qual as pessoas possam olhar. Talvez porque por algum motivo tenha experienciado algo parecido através dos binóculos de outra pessoa.

É como um validador, como se conseguir criar essa conexão entre nossas percepções de alguma forma validasse o mundo como sendo sendo real, verdadeiro, acreditável (crível?). Essa tentativa nunca resulta no que foi esperado, nem do lado emissor (que produz os óculos) nem do receptor (que os veste), mas, nesta vontade, não é necessária a completa fidelidade entre o óculos e o que você queria dele, é suficiente apenas que o óculos deforme a visão do outro.



Série polígrafo de momentos, "HAOLE",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

“Não se pode ficar o tempo todo com o chapéu na mão, por isso inventaram o cabideiro. Quanto a mim, encontrei a pintura para pendurar minhas ideias num prego: com isso, posso passar de uma ideia para a outra e evitar a ideia fixa”

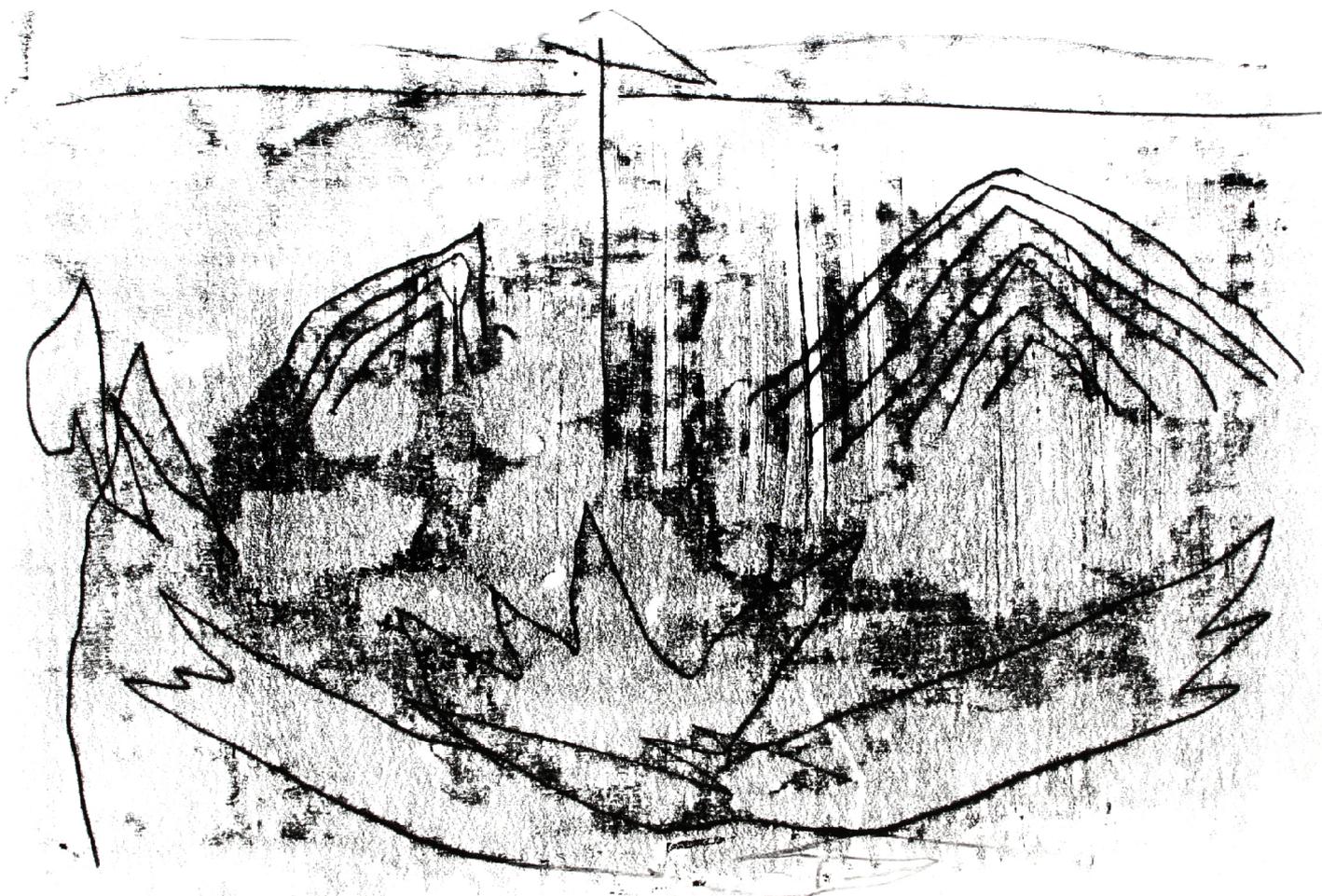
Essa frase de Braque me chamou atenção quando foi apresentada à mim num texto entregue pelo professor Nelson Maravalhas enquanto cursava a disciplina de Ateliê 2 no departamento. Me parecia muito sensata e me identifiquei nela, afinal, os desenhos eram mesmo uma forma de "guardar" ideias, uma forma de transferir uma ideia para o papel sem precisar de palavras. Guardar uma ideia visual.

Na minha produção atual, ou pelo menos nessa série aqui apresentada, procuro outra coisa, ainda que semelhante. Como os desenhos não possuíam qualquer referência prévia em minha cabeça, ou são o resultado da minha tentativa de manipular essas referências para que os resultados fossem incomuns à minha produção, acredito estar procurando descobrir ideias que talvez não estejam passando por meu processo consciente, não apenas guardá-las.

Com certeza a prática de montar um inventário de ideias continua, mas ela é feita dessa outra forma, na qual não passo (como costumava) semanas pensando sobre uma forma, um tema, uma composição para finalmente transferi-la ao papel e poder então refletir sobre a próxima. Desenho nessas monotipias (e em meu caderno mais recente) com a intenção de encontrar novas imagens, além das que povoam minha cabeça no dia-a-dia. Encontrar através desse método quase-automático de desenhar, temas diferentes, formas esdrúxulas que me agradem.

A ideia de que o desenho nos esvazia, porém, ainda muito me agrada e traz identificação. Quando transfiro uma ideia já pré estabelecida em pensamento para o papel, ela realmente parece ter menos força em minha cabeça, como potencial, porque aquele pensamento agora possui uma referência no mundo físico. Ao desenhar nesse método de busca por imagens que não estão na superfície dos meus pensamentos, me sinto igualmente esvaziado, como se alguma ideia também tivesse perdido a potência, se transformado em algo no plano físico, mesmo que não saiba exatamente de que ideia aquela imagem veio.





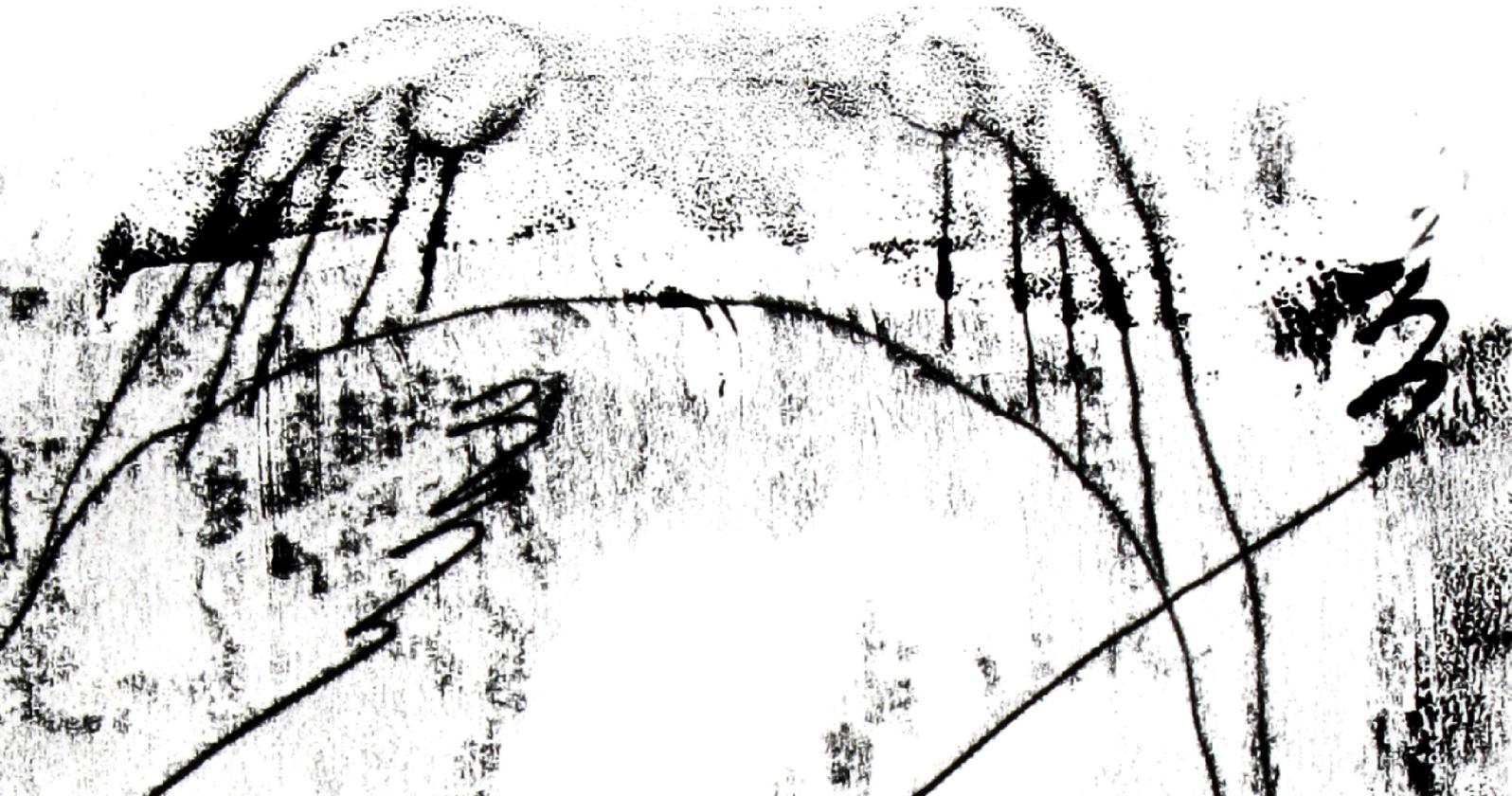
Série polígrafo de momentos, “Estabilidade espelhada no olho d’água”,
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal

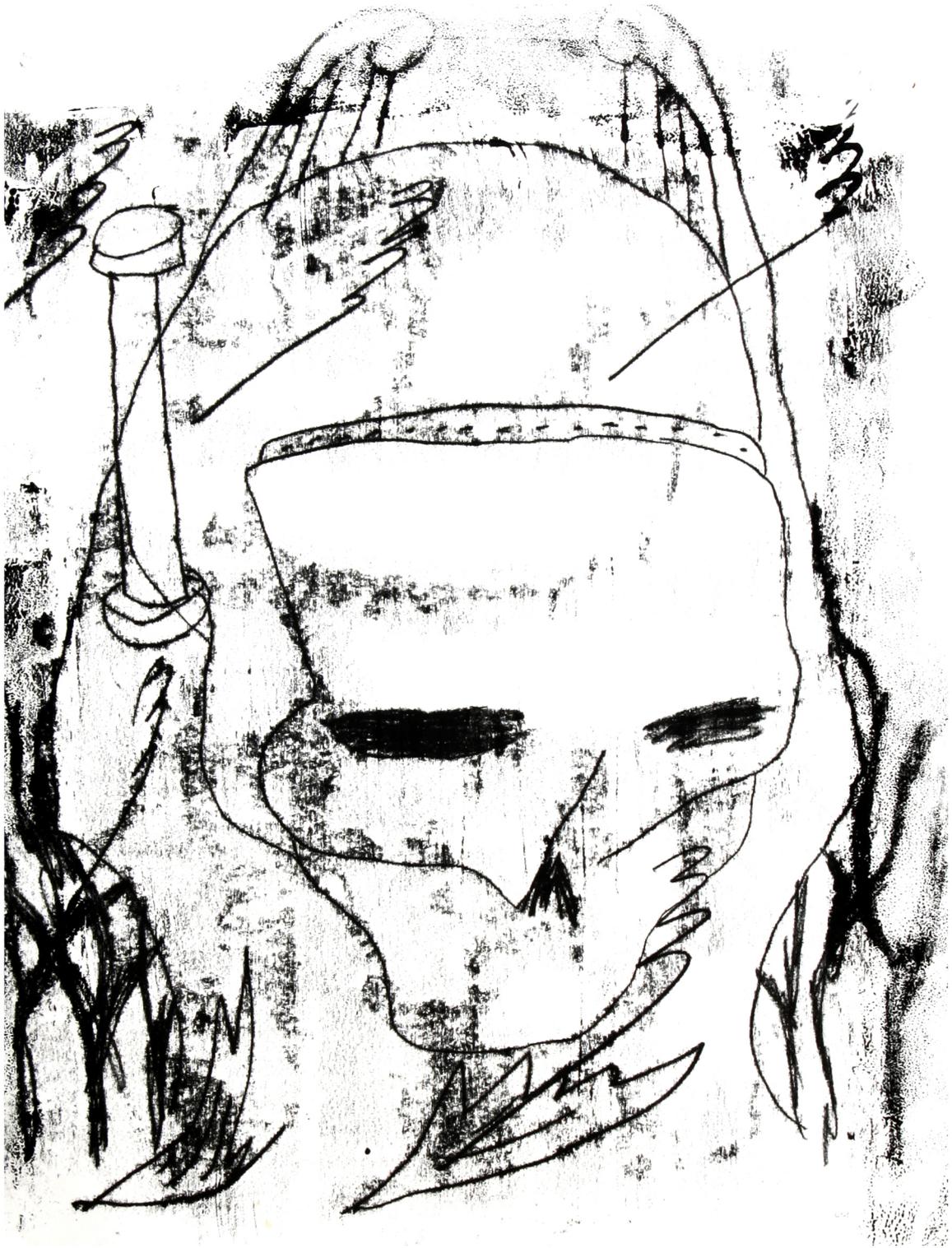
Estou em busca de novas imagens, de novas formas que possam me interessar. Conforme meu trabalho de desenho se desenvolveu, notei a diferença que havia entre imaginar algo e tentar transferir essa imagem para o papel e fazer alguns riscos e ver o que eles sugeriam. Por algumas razões a segunda opção me agradava mais, ainda assim levei um certo tempo para conseguir assumir esse método como uma espécie de posição em relação ao desenho.

Uma linha pode sugerir muitas formas, e, no início dessa tentativa de me focar nessa prática eu parecia sempre ver em linha parecidas potenciais parecidos de forma. As imagens geradas acabavam por ser semelhantes à maioria das imagens que eu já havia produzido ou imaginado. Algo nisso me incomodava, tentei então criar subterfúgios para o meu próprio vício, desenhar mais devagar, dar tempo para que as linhas sugerissem mais imagens que para que eu pudesse escolher com qual prosseguir.

Passo cada vez mais tempo observando a primeira linha, essa prática se tornou comum de tal forma que às vezes durante o traçar dessa linha já enxergo muitas sugestões, começo a direcionar a linha na direção de uma delas e o próprio desenho me mostra então novos potenciais, e nessa espécie de labirinto procuro encontrar uma saída que não me leve ao mesmo lugar de sempre, que não me leve ao centro do labirinto mas para fora dele: que me mostre uma imagem nova, uma imagem que me surpreenda.

Sempre me perguntei porque desenho, e continuo a me perguntar, e sei que, assim como a maior parte das coisas da vida, é provável que durante meu tempo a minha resposta mude diversas vezes, mas atualmente, sinto que desenho para procurar imagens, para tentar pescar uma imagem. O papel e o lápis são a isca.





Série polígrafo de momentos, "Um fantasma controlando biotecnologia celeste",
monotipia, 2016. Arquivo Pessoal



FORA
TEMER